

RECADO DE PARIS

Não se pode estar só na França

PARIS, agosto — (Via Panamá) — Não gosto de andar sozinho — mas às vezes posso ficar nisso um esquivo prazer. Estar só, afinal, é o jeito da gente se identificar um pouco, tão repartidos e usados pelos outros que vamos ficando. Mas na França não se pode simplesmente estar só. O que o garçon ou o "maitre" do bar nos pergunta é sempre isto:

— Tout seul?

E há alguma coisa de muito miserável e poderoso em estar "todo só".

—x—

A SENHORA PICASSO

Contando, outro dia, a visita que fiz a Pablo Picasso, escrevi errado o nome de sua senhora. Ou melhor: atrazado. A atual e bela companheira do mestre chama-se Françoise Gillot. Ela é a autora, habil e sensível, dos painéis tirados de velhas estampas chinesas que, na exposição de Vallauris, contam o processo tradicional da fabricação de cerâmica. E autora também — em cooperação não com os chineses, mas com o próprio Picasso — do pequeno Claude, de quatro anos e da pequena Colomba, de um ano...

—x—

PROFANAÇÃO...

Quando fui vêr a capelinha dominicana que está sendo construída perto de Venice, contei à freira que já vira em Paris duas pequenas "maquettes" desse trabalho de Matisse. Ela me disse:

— Ah sei, êle me disse que essas "maquettes" estão lá, em uma exposição de arte religiosa.

Não quis alarmar a freirinha — e pode ser que mais tarde as "maquettes" sejam levadas, mesmo, para alguma exposição de arte religiosa. Por enquanto, estão onde as vi: "na" "Maison de la Pensée Française", uma instituição dominada pelos comunistas (presidente: Aragon) em uma bela exposição retrospectiva do velho pintor, entre suas odaliscas e seios nus..."

DECEPÇÃO EM MONTE CARLO

Fui a Monte Carlo — mas onde ficam os sonhos da infância? Não "quebrei a banca" do Casino nem dei um tiro no ouvido, a um canto do jardim, ou me precipitei do alto rochedo depois de ter perdido uma fortuna fantástica na roleta.

Nada. Vi os peixes maravilhosos do Museu de Oceanografia e depois, só por deferência, resolvi levar minha contribuição ao senhor da terra, príncipe Rainier III. Uma contribuição discreta.

Devo significar a Sua Alteza que no Brasil, ao tempo em que éramos (a expressão é de Genolino Amado) uma República Urcaniana — tínhamos coisa melhor. Os salões mais frescos, as mesas de roleta mais compridas e acessíveis, fichas de cor diferente para cada "ponteiro". Só o que não mudou nada foi a mania da bolinha branca de cair no vermelho, 5, quando jogamos no preto, 24, segunda duzia, terceira coluna, par...

Rubem BRAGA

22.8.50

Handwritten signature and number: No. 30

275